



A REESCRITA DO PASSADO EM **GALANTES MEMÓRIAS E ADMIRÁVEIS AVENTURAS DO VIRTUOSO CONSELHEIRO GOMES, O CHALAÇA**

MILREU, Isis (UFCCG/ PG UNESP-Assis)*
imilreu@yahoo.com.br

RESUMO: A proposta deste trabalho é analisar as relações entre a literatura e a história presentes no romance *Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, o Chalaça* (1994), de José Roberto Torero. Esta obra recria as aventuras do Conselheiro Gomes, mais conhecido como Chalaça, secretário particular e de alcova do Imperador Pedro I. Ao ficcionalizar um personagem histórico que participou de relevantes acontecimentos da história brasileira, mas que por ser considerado um anti-herói foi marginalizado pela historiografia oficial, o romance permite que os leitores penetrem nos bastidores da história nacional através do olhar periférico de seu protagonista. Desse modo, nos propomos a examinar a referida narrativa a partir do diálogo entre o discurso histórico e o literário na citada obra de Torero, investigando como o autor reescreve um importante período do passado brasileiro. Em nossa leitura, usaremos como ponto de partida as teorias do crítico uruguaio Fernando Ainsa que aponta em seu texto “La nueva novela histórica latinoamericana” algumas marcas comuns a diversas produções contemporâneas que reescrevem o passado, classificando-as de Novo Romance Histórico Latino-americano. Assim, abordaremos a narrativa de Torero sob a perspectiva apresentada por Ainsa, verificando se o livro *Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, o Chalaça* pode ser inserido na categoria proposta pelo crítico uruguaio.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura e História; Literatura Brasileira Contemporânea; Chalaça; José Roberto Torero; Novo Romance Histórico Latino-americano.

LA REESCRITURA DEL PASADO EN *GALANTES MEMÓRIAS E ADMIRÁVEIS AVENTURAS DO VIRTUOSO CONSELHEIRO GOMES, O CHALAÇA*

RESUMEN: La propuesta de este trabajo es analizar las relaciones entre la literatura y la historia presentes en la novela *Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, o Chalaça* (1994), de José Roberto Torero. Esta obra recrea las aventuras del Conselheiro Gomes, más conocido como Chalaça, secretario particular y de alcoba del Imperador Pedro I. Al ficcionalizar un personaje histórico que participó de relevantes acontecimientos de la historia

brasileña, pero que por ser considerado un antihéroe fue marginalizado por la historiografía oficial, la novela permite que los lectores penetren en los bastidores de la historia nacional a través de la mirada periférica de su protagonista. De ese modo, nos proponemos a examinar la referida narrativa a partir del diálogo entre el discurso histórico y el literario en la citada narrativa de Torero, investigando como el autor reescribe un importante período del pasado brasileño. Para nuestra lectura utilizaremos como punto de partida las teorías del crítico uruguayo Fernando Ainsa que apunta en su texto “La nueva novela histórica latinoamericana” algunas marcas comunes a diversas producciones contemporáneas que reescriben el pasado, clasificándolas como Nueva Novela Histórica Latinoamericana. Así, abordaremos la narrativa de Torero bajo la perspectiva presentada por Ainsa, verificando si el libro *Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, o Chalaça* puede ser inserido en la categoría propuesta por el crítico uruguayo.

PALABRAS-CLAVE: Literatura e História; Literatura Brasileira contemporânea; Chalaça; José Roberto Torero; Nueva Novela Histórica Latino-americana.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O ROMANCE HISTÓRICO

A relação entre a história e a literatura pode ser vista como um diálogo produtivo que existe há muito tempo. Basta lembrarmos que parte da história da civilização grega é contada através dos versos de Homero. De acordo com Antonio Roberto Esteves isto ocorre porque “a história e a literatura têm algo em comum: ambas são constituídas de material discursivo, permeado pela organização subjetiva da realidade feita por cada falante, o que produz uma infinita proliferação de discursos.” (2010, p.17). Apesar destes pontos de ligação, a convivência entre as duas áreas de conhecimento nem sempre foi pacífica e os conflitos variaram de intensidade de acordo com o momento histórico.

Atualmente, diversos autores dedicam-se a estudar a relação entre a história e a literatura. Para a maioria dos críticos contemporâneos as origens do romance histórico perdem-se no tempo e estão associadas ao surgimento do próprio romance. Segundo grande parte da crítica, foi o escritor inglês sir Walter Scott quem fixou os parâmetros que estabeleceram as características do romance histórico. Após a publicação de *Ivanhoé*, em 1819, houve uma intensa proliferação de romances históricos baseados no esquema criado por Scott, marcado por dois princípios básicos. Em primeiro lugar a ação do romance ocorre em um passado anterior ao presente do escritor, tendo como pano de fundo um ambiente histórico rigorosamente reconstruído, onde figuras históricas reais ajudam a fixar a época, agindo conforme a mentalidade de seu tempo. Para seguir a fórmula scottiana é só

adotar mais uma regra: situar sobre esse pano de fundo histórico a trama fictícia, com personagens e fatos criados pelo autor. Tais fatos e personagens não existiram na realidade, mas poderiam ter existido, já que sua criação deve obedecer a mais estrita regra de verossimilhança.

A ruptura com a concepção de romance histórico scottiano começa no romantismo, continua no realismo e se intensifica no pós-modernismo. Hoje, este subgênero apresenta-se sob diversos rótulos, tais como Novo Romance Histórico, Metaficção Historiográfica e Narrativas de Extração Histórica. Apesar de todas as modificações sofridas pelo romance histórico com o passar do tempo, Márquez Rodríguez (1990) afirma que há duas condições básicas para a existência deste subgênero textual, em qualquer de suas modalidades. A primeira é que se trate realmente de romance, ou seja, de ficção, de invenção. A segunda é que se fundamente em acontecimentos históricos e não inventados.

Entre as definições que apresentamos anteriormente para os romances que reescrevem o passado interessa-nos, neste trabalho, a categoria proposta pelo crítico uruguaio Fernando Aínsa que em seu texto “La nueva novela histórica latinoamericana” (1991) aponta algumas características comuns a produções contemporâneas que relêem a história. O autor classifica estes escritos de Novo Romance Histórico Latino-americano, afirmando que a principal finalidade deste tipo de narrativa é desconstruir a história oficial. Vale ressaltar que as teorias do crítico uruguaio foram retomadas por vários autores que se dedicam a esta temática, como é o caso de Menton (1993). Desta forma, ressalta-se o caráter precursor das ideias de Aínsa.

Partindo da categoria apresentada pelo crítico uruguaio, nos propomos a analisar *Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, o Chalaça* (1994), de José Roberto Torero, sob a perspectiva do Novo Romance Histórico Latino-americano. Assim, examinaremos como o autor reescreveu um importante período de nossa história nacional e os recursos estilísticos que usou na sua releitura do passado, verificando em que medida esta narrativa pode ser inserida na classificação proposta por Fernando Aínsa.

A REESCRITA DO PASSADO

José Roberto Torero é escritor, roteirista e jornalista. Formado em Letras e Jornalismo, o autor estreou no cenário literário contemporâneo com o romance *Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, O*

Chalaça (1994). Em 1995, esta obra foi vencedora do Prêmio Jabuti de melhor Romance e Livro do Ano, além de ter recebido outras distinções honrosas. Também precisamos lembrar que a referida narrativa foi transposta para a televisão, com a minissérie “O quinto dos infernos” (2002), e para o teatro, com a peça “Chalaça” (2000), do grupo *Ga. Les Commediens Tropicales*, formado por egressos do curso de Artes Cênicas da UNICAMP. No âmbito acadêmico, este romance já foi alvo de ensaios, dissertações e teses.

Como vimos, o livro de estréia de Torero alcançou um considerável sucesso. Pensamos que um dos fatores para o êxito desta narrativa está na escolha do protagonista, o controverso conselheiro de D. Pedro I, Francisco Gomes da Silva, mais conhecido como Chalaça. Este personagem histórico teve ativa participação em vários fatos marcantes da nossa história, mas, devido ao seu caráter anti-heróico, foi excluído da historiografia oficial. Apesar de estar presente em alguns livros de história e de literatura, tais como os romances *A Marquesa de Santos* (1925) e *As maluquices do imperador* (1927), de Paulo Setúbal, é somente com Torero que o conselheiro consegue sair completamente da escuridão e usar sua voz, já que de coadjuvante passa a ser protagonista.

Neste sentido, um rápido olhar para a biografia de Chalaça nos mostra que sua trajetória é um excelente material para o exercício ficcional. Francisco Gomes da Silva era português, filho bastardo de um visconde. Foi seminarista, mas abandonou os seus estudos e partiu para o Brasil, juntamente com a corte portuguesa, buscando escapar de Napoleão Bonaparte. Ao chegar ao novo país, exerce diversas profissões até conhecer o príncipe D. Pedro. A partir deste encontro, Chalaça torna-se um grande auxiliar do monarca, não só para assuntos políticos, mas também amorosos. Ele acompanha a ascensão do príncipe a Imperador e influencia várias de suas decisões, exercendo um grande poder político. Entretanto, o conselheiro é vítima de uma intriga de um de seus adversários, o Marquês de Barbacena, e é obrigado a deixar o Brasil. Ainda que tenha sido temporariamente derrotado, Chalaça recupera-se e vinga-se de seu inimigo. Depois de alguns anos em Paris, volta a trabalhar diretamente com o ex-imperador brasileiro, mas agora em Portugal, permanecendo-lhe fiel até a sua morte. Por fim torna-se tutor dos filhos de D. Pedro e *fac-totum* de D. Amélia, a segunda esposa do monarca.

Estas peripécias vividas por Francisco Gomes da Silva são recriadas por Torero em seu romance, ou melhor, são “trazidas à luz”, conforme somos informados na capa do livro. Isto nos remete a vários níveis de interpretação, uma vez que esta expressão pode significar nascer, sair da escuridão ou iluminar. Embora todas estas leituras sejam cabíveis, o fato é que este romance reconstrói a trajetória de

um personagem marginalizado pela historiografia brasileira, proporcionando outra visão dos acontecimentos históricos da época do império: a dos bastidores. Também podemos inferir que as memórias de Chalaça foram trazidas à luz pelo autor, José Roberto Torero, que constrói um intrincado jogo ficcional, problematizando a relação entre a história e a literatura, bem como o próprio fazer literário.

Acentuando o jogo ficcional, encontramos na orelha do livro uma apresentação da obra feita por D. Pedro I, psicografado. Além da ironia da psicografia, notamos uma inversão de papéis: o amo reverencia o servo. Em seu texto, o monarca elogia a inteligência, as habilidades e a lealdade de Chalaça, o qual além de ter sido seu conselheiro político, também era seu alcoviteiro. Percebemos que no começo deste texto, D. Pedro adota a voz da autoridade através da paródia de documentos oficiais, como podemos conferir no seguinte fragmento: "Atesto para os devidos fins que tudo o que neste livro se verá é verdadeiro, e que todas as palavras aqui escritas andam de mãos dadas com a verdade – embora uma ou outra vírgula possam ter sido inventadas." Desta forma, ao mesmo tempo em que afirma ser tudo verídico no romance, revela que também há um processo ficcional na obra. Além disso, justifica o relato do servo:

Pode ser que o Chalaça falte com a verdade em alguns trechos, mas não o julgemos mal. Se há exageros e omissões em sua narrativa, é porque assim funciona a memória, prolongando vitórias e dissimulando derrotas. Talvez por conta disso ele seja acusado de imprecisão histórica, mas o leitor há de convir que a ciência da história fica ainda mais bela se enfeitada pela arte de mentir, e nisso o autor deste livro mostra-se inigualável. (TORERO, 2001).

Penetramos, assim, no universo da ficção, no qual encontramos o questionamento da história enquanto ciência exata, bem como a valorização da literatura como fonte privilegiada de acesso ao passado. Ademais, este trecho, ao fazer referência à subjetividade da memória, aproxima a história da literatura, uma vez que as duas baseiam-se em relatos, escritos ou orais, para elaborarem os seus discursos. É notório que por mais objetivo que o homem tente ser acaba sempre fazendo uma releitura dos fatos que, para serem transmitidos, sofrem uma interpretação de acordo com determinados pontos de vista, dentro de certo espaço e da visão da época em que vive. Também sabemos que após a passagem de algum tempo é difícil separar o que realmente aconteceu do que poderia ter acontecido ou do que se pensou que aconteceu, uma vez que, depois de certa sucessão temporal, a me-

mória falha e começamos a misturar e a embaralhar as coisas.

Além dos aspectos que já apontamos, a referida declaração de D. Pedro, explicita o caráter ficcional da obra e nos remete ao famoso artigo de Vargas Llosa intitulado “*La verdad de las mentiras*” (1996). Para o escritor peruano, todos os romances mentem, mas é, justamente, através dessa mentira que exprimem uma curiosa verdade que só pode expressar-se por meio da ficção. No caso do romance de Torero, percebemos, através do trecho destacado, que há uma supervalorização do ato de mentir, ou melhor, da ficção. Ademais, a história e a literatura são vistas como complementares. Deste modo, o leitor é alertado de que embora o livro tenha como ponto de partida acontecimentos e personagens históricos, estes foram literaturizados. Logo, resta-lhe descobrir qual é a (s) verdade (s) que a ficção de Torero encobre.

Prosseguindo o exame do romance, deparamo-nos com uma dedicatória, na qual o autor declara que, se fosse honesto, dedicaria metade da obra ao seu amigo Marcus Aurelius Pimenta, parceiro de Torero em outras obras. Podemos dizer, então, que nesta narrativa, além de um narrador mentiroso, também há um autor desonesto. Desta maneira, notamos que a noção tradicional de autoria é desconstruída, ademais de deixar o leitor em estado de alerta.

A problematização das relações entre a literatura e a história atinge o clímax no prólogo com o surgimento de um historiador que está em busca do diário de Chalaça. Ele nos esclarece que este é um documento muito procurado atualmente. Também nos informa que conseguiu obter uma parte deste diário com a tataraneta do conselheiro no interior do Rio de Janeiro, a qual não quis ceder gratuitamente os documentos para o “bem da História”. Assim, fiel seguidora dos princípios do seu ancestral, vende o referido diário, além de cartas, bilhetes e anotações. Cabe ressaltar que é a partir destes materiais que o narrador constrói o seu relato. Porém, intensificando o jogo ficcional, o narrador-historiador nos alerta de que há dúvidas sobre a autenticidade destes papéis. Segundo suas declarações, tais suspeitas devem-se ao fato de o diário trazer expressões pouco frequentes para a época em que supostamente teria sido escrito, além de equívocos de datas e nomes. Entretanto, depois de disseminar o questionamento sobre a veracidade do texto, afirma que “[...] creio firmemente que a natureza informal que se imprime a um diário possa explicar a coloquialidade e os eventuais erros históricos do texto.” (TORERO, 2001, p. 10). Desta maneira, a ambiguidade permanece e o leitor tem que fazer o seu pacto de leitura com a obra, uma vez que pode ler este romance tanto como ficção quanto documento histórico.

Como vimos, os elementos paratextuais são fundamentais para a compreensão do romance de Torero. Nosso próximo passo será o exame da sua estrutura, a qual possui várias marcas da estética pós-modernista. Composto por 63 capítulos, o relato apresenta dois eixos narrativos: o diário de Chalaça e a sua autobiografia. Deste modo, o autor utiliza-se de dois gêneros híbridos, considerados por muitos leitores como sinônimos de veracidade, para construir a sua narrativa. Embora este tipo de escrita sugira uma representação fiel da realidade, não podemos nos esquecer de que toda obra passa por um processo de seleção, já que é impossível abarcar em um texto todos os acontecimentos da vida de uma pessoa. Assim, neste processo seletivo, de acordo com o interesse do autor, vários dados podem ser manipulados, como, por exemplo, o grau de importância de determinados episódios.

Após estas considerações, é preciso analisarmos rapidamente as duas formas discursivas da narrativa. Notamos que o suposto diário de Chalaça ocupa a maior parte do relato. Um aspecto curioso deste texto é que não possui datas, o que pode caracterizá-lo apenas como anotações. Também constatamos que a escrita deste diário é feita no momento presente do protagonista, ou seja, começa na sua estadia em Paris, passa pela descrição da guerra pelo trono português e chega até o momento da grande ascensão social de Chalaça: o seu casamento com D. Amélia.

Já a autobiografia difere-se graficamente do texto do diário, pois está em itálico e contém títulos longos, além de ser um claro exemplo de metaficção, visto que o protagonista reflete sobre a construção do seu texto. Devido a suas características estruturais e temáticas esta linha narrativa se aproxima da modalidade picaresca. Cabe destacar que esta parte da obra inicia-se com a descrição do “nascimento metafísico” do protagonista, isto é, o momento de seu encontro com o jovem príncipe. A seguir descreve desde os principais acontecimentos do período da Independência, principalmente os seus bastidores, até o momento do retorno de D. Pedro a Portugal. A autobiografia se encerra quando Chalaça parte de Paris para encontrar-se com o ex-imperador brasileiro na corte portuguesa.

Pensamos que é bastante significativo o fato de a autobiografia finalizar justamente no ponto em que o diário se inicia. Deste modo, as duas linhas narrativas se encontram em 1832, o momento em que D. Pedro recupera o trono português e Chalaça retorna ao seu país natal. Isto evidencia a circularidade estrutural da narrativa e remete o leitor ao começo do romance. Desta maneira, a existência de dois textos que se interpenetram coloca o leitor frente a um intenso jogo temporal em que é necessário organizar o encadeamento lógico dos acontecimentos a cada alteração discursiva.

Vale a pena ressaltar que além do diário e da autobiografia há mais um tipo de texto no relato: o gênero epistolar. As missivas são utilizadas para encerrar o romance e, através delas, somos informados do destino de alguns personagens. Deste modo, sobressai-se o papel do narrador-historiador, o qual embora, aparentemente, permita que o protagonista conduza a narrativa, não deixa que os leitores se esqueçam de que é ele quem organiza o relato. Sua presença é reforçada pelo uso de notas de rodapé, as quais, além de prestar esclarecimentos ao leitor, também, algumas vezes, contradizem a narrativa de Chalaça. Neste sentido, consideramos que o uso destas notas explicativas tem a função de intensificar a verossimilhança da obra, pois o emprego deste recurso textual, aparentemente, aproxima o referido romance do gênero científico.

Por fim, é inevitável não nos referirmos ao título do livro de Torero em que salta aos olhos a paródia ao gênero picaresco. Deste modo, o título *Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso conselheiro Gomes, o Chalaça*, ademais de demonstrar ironia também é um exemplo de intertextualidade, uma vez que nos remete à picaresca clássica na qual eram frequentes os títulos longos e eloquentes. Este jogo intertextual também está presente nos nomes dos capítulos da autobiografia de Chalaça em que notamos a proximidade com a modalidade picaresca. Além disso, o protagonista ainda aparece no romance lendo *Lazarillo de Tormes*, uma das obras fundamentais do referido gênero. Desta forma, através da presença destes elementos intertextuais, o autor intensifica o seu jogo narrativo e inclui o seu protagonista na categoria dos pícaros que tinham como principal objetivo a ascensão social. Deste modo, o título antecipa, de forma magistral, o conteúdo do romance. Assim, após conhecermos a trajetória do conselheiro sabemos que o adjetivo virtuoso é uma grande sátira ao comportamento de Chalaça, visto que ele é um anti-herói e suas grandes virtudes são a manipulação, a trapaça e a simulação. Ademais, dependendo do ponto de vista, as suas memórias podem não ser nem um pouco galantes, bem como suas aventuras.

Entretanto, não podemos nos esquecer de que as reminiscências de Chalaça, embora sejam organizadas por um narrador-historiador, são narradas em primeira pessoa, privilegiando a ótica do protagonista. Esta técnica narrativa, bem como o uso de alguns recursos estilísticos, tornam as memórias do protagonista extremamente sedutoras. Deste modo, nos deparamos com a construção de um único foco narrativo, visto que Chalaça, predominantemente, narra os acontecimentos de sua perspectiva. Ao dar a voz a um personagem marginalizado pela historiografia oficial, o autor humaniza-o, possibilitando que muitos leitores identifiquem-se com o protagonista. Assim, elimina-se a distância temporal que os

separa e problematiza-se, uma vez mais, a relação entre a história e a literatura. Como vimos, o intenso jogo entre o real e o ficcional nesta obra dilui a fronteira entre as duas áreas de conhecimento. Desta maneira, justifica-se o fato de alguns leitores terem interpretado este romance como um documento histórico, como foi o caso de um famoso político carioca que chegou a citar, em um texto jornalístico, algumas passagens da referida ficção como se fossem verídicas.

Tendo em vista as nossas reflexões sobre o romance de Torero, acreditamos que, além da escolha de um polêmico personagem histórico como protagonista, a problematização das relações entre a história e a literatura é uma das principais causas do êxito desta obra. Através da ficcionalização de Chalaça e sua consequente humanização, a literatura penetra em lugares e explora temas que, raramente, os historiadores atrevem-se a abordar. Por isso, pensamos que esta narrativa possibilita discutir um assunto de fundamental importância para todos os brasileiros: a formação da nossa identidade, uma vez que, conforme aponta D. Pedro I em seu texto psicografado, “O Chalaça foi, enfim, um exemplo acabado de homem e estadista, e constitui-se num modelo muito imitado pelos brasileiros, desde aqueles tempos até os dias de hoje.” (TORERO, 2001). Talvez seja esta uma das verdades que a reescrita de Torero de um importante período histórico nacional nos desvele.

POSSÍVEIS CONCLUSÕES

A partir da análise que apresentamos do romance de Torero explicita-se que a referida narrativa não segue o modelo scottiano de romance histórico. Por fazer uma releitura crítica da história e por utilizar-se de metaficção, intertextualidade, carnavalização, entre outros procedimentos textuais, *Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, o Chalaça* pode ser incluído na categoria de Novo Romance Histórico Latino-americano.

É preciso esclarecer que esta terminologia foi usada pela primeira vez pelo professor e crítico uruguaio Ángel Rama, em 1981. Desde então o conceito vem se aprimorando e, entre muitos autores que contribuíram para o aperfeiçoamento deste termo, é inevitável não destacarmos Fernando Ainsa (1991) que escreveu o ensaio “La nueva novela histórica latinoamericana”. Nesta obra, o autor procura definir o Novo Romance Histórico Latino-americano, apontando várias marcas deste subgênero. Segundo o crítico uruguaio, este tipo de narrativa se caracteriza por realizar uma releitura da história, a qual questiona a legitimação das versões oficiais da história. De acordo com o autor, outros elementos deste subgênero são

a multiplicidade de perspectivas, a abolição da distância épica, a reescrita irônica e paródica, a superposição de tempos históricos diferentes, o uso de documentação histórica para respaldar a ficção ou, ao contrário, a explicitação da invenção textual.

Percebemos que o romance de Torero analisado neste trabalho pode ser inserido na categoria de Novo Romance Histórico Latino-americano, uma vez que apresenta diversas marcas apontadas pelo crítico uruguaio. Entretanto, queremos ressaltar que além das características estilísticas utilizadas pelo autor de *Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, o Chalaça*, esta narrativa contempla o aspecto mais importante dos romances históricos contemporâneos, segundo Aínsa que é “*buscar entre las ruinas de una historia desmantelada al individuo perdido detrás de los acontecimientos, descubrir y ensalzar al ser humano en su dimensión más auténtica, aunque parezca inventado, aunque en definitiva lo sea*” (1991, p.85).

NOTAS

* Professora de Literatura Espanhola e Hispano-americana da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Assis. imilreu@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS

- AÍNSA, F. *La nueva novela histórica latinoamericana*. *Plural*, 240 (82-85), 1991.
- ESTEVES, A. R. *O novo romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- MÁRQUEZ RODRÍGUEZ, A. *Historia y ficción en la novela venezolana*. Caracas: Monte Ávila, 1990.
- MENTON, S. *La nueva novela histórica de la América Latina 1979-1992*. México: FCE, 1993.
- TORERO, J. R. *Galantes memórias e admiráveis aventuras do virtuoso Conselheiro Gomes, o Chalaça*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

SOBRE A AUTORA:

Isis Milreu é Professora Assistente de Literatura Espanhola e Hispano-americana junto a Unidade Acadêmica de Letras (UAL) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, área de Literatura e Vida Social, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Assis. Na mesma instituição, também cursou a Graduação em Letras e o Mestrado, defendido em 2008. Foi professora de Literaturas de Língua Espanhola da Fundação de Ensino “Eurípedes Soares da Rocha” e de Língua Espanhola no Centro de Estudos de Línguas de Marília e de Garça e na Cooperativa Educacional de Marília (COOPEMA). Participa dos seguintes Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq: “Narrativas Estrangeiras Modernas” e “Vertentes do Fantástico na Literatura”.